



Versão Final

Os recentes acontecimentos em torno do Iraque têm mobilizado diversas pessoas ao redor do mundo contra a Guerra. Infelizmente, interesses econômicos, vaidades pessoais e desejos de poder mais uma vez estão sobrepujando a coerência, o bom senso e a paz. Sabemos que ao final de um conflito, centenas, milhares e, quem sabe, dezenas de milhares de pessoas inocentes irão morrer. O Iraque já se encontra debilitado. Cólera, tuberculose, doenças de pele e dos mais variados tipos graçam neste país devido às várias guerras anteriores e ao embargo da ONU. Sempre sofreram aqueles que nada a tem a ver com nada. É a linha de frente que morre. Acreditamos que aqueles que desejam uma outra perspectiva para o planeta, mais solidária e pacífica, devem lutar, cada qual da sua melhor forma, contra este conflito liderado pelos Estados Unidos.

Há cerca de um mês, um poeta de Montreal chamado Todd Swift elaborou um chamado para poetas em língua inglesa em todo o mundo convocando para escreverem poemas contra a guerra no Iraque. O resultado foi avassalador - 400 poemas em menos de uma semana. Após uma seleção, os 400 se transformaram em um arquivo-texto chamado [100 poetas contra a guerra!](#)

Motivados pela idéia, elaboramos uma versão semelhante convocando todos os escritores em língua portuguesa para escreverem poemas contra este ato de insensatez. A campanha começou no dia 8 de fevereiro e foi finalizada no dia 23. Este é o texto final contendo todas as contribuições recebidas. Contem para os amigos, espalhem pela internet e todos os cantos. Poetas lutando contra a morte, lutando contra a arrogância, escrevendo pela PAZ!



<http://www.rocatti.blogspot.com/>

1. Desigualdades bélicas

As mãos reviram os escombros.
A casa era de uma família.
A mãe pergunta em meio a choros,
"Pra onde foi a minha filha?"

Apertou da bomba o botão,
Mais um piloto da aeronáutica.
Embora esteja no céu cristão,
"Pra onde foi a minha alma?"

A ordem veio lá de cima,
Aonde sentam poucos nomes.
E o presidente vê todo dia,
"Pra onde foi o meu ibope?"

Sentado em frente à tv,
Apoiou na mesa os dois pés.
De longe a guerra entretém,
"Pra onde foi o meu café?"

Terry Ivanauskas

2. Hoje eu estava pensando em Paz

Paz..sando por um monte de gente triste no sinal
Gente dentro dos carros
fechando as janelas para os pedintes
Como se o mundo estivesse cheio de mal (e não dentro)
Dentro uma guerra impera a crise, ódio, amor, desejo, sangue, impulso,
beleza, varizes
Fora uma multidão dos meus, muita gente vive...em Paz
E eu passando, meus dias a pensar em como evitar um desastre
O desastre é gente de dentro do carro fechar a janela para gente de fora
O desastre é guerra de dentro da alma destruir a alma de fora da guerra
Não posso evitar o desastre
Talvez um bomba
Uma explosão de Dentro
Um pensamento
Ungüento....

Fernanda Nocam

3. Manchete de Jornal

Relâmpagos...
Minha alma chora...
O estampido de mais uma dor
Debate-se em frente ao monitor,
A imagem espalha-se pelo mundo
Virando notícia de manchete!
Não, não, não...
Repete insistente meu coração,
Fazendo eco com milhares...
Milhões...
Uma multidão...
Que não quer a dor,
Que não quer a guerra,
Que não quer se manter calada,
Submissa,
Incauta,
Inconsciente,
Hipócrita,
Vacilante!
Meu verbo não emudece,
Minha alma não se aquece,
Meus olhos não se fecham
Diante dos olhos daqueles que morrem
Sem nunca ver a manchete no jornal
De que a sanidade voltou à humanidade
E a guerra não aconteceu!

Elisa Julia

4. A repetição

Entre os arbustos em chamas
a criança finalmente percebeu
o sentido do horror:
rios de sangue
risos de soldados-estupradores
água suja
e nenhum colo.

Sempre houve deuses da guerra
nas mitologias do mundo
e eu sempre me perguntei
que seres tais deuses governam
depois da terra devastada.

Mas os governos dos homens não aprendem
e nos condenam a repetir a História.
Ah! Cobiça insaciável!
Retira ao menos desta vez tua face de fuinha
do coração dos espíritos fracos da velha águia
e poupa-nos do déjà vu das fauces da Morte.

André Machado

5. Nos cumes

dos morros de algodão há sonhos, há vidas, esperanças, crianças... e nos vales cujos rios cortantes passam ensanguentando almas, morrem ideais, morrem mortais. nada explica a indiferença, nada justifica a complacência maligna.

por trás de corpos pequeninos há sorrisos reprimidos, amores escondidos, sentimentos adormecidos... ali está todo o bom sentimento do mundo (e o mau também). potenciais mestres de vivência; exponenciais assassinos - por condolência.

olhos analíticos, sorrisos tímidos, intermináveis, murmúrios inaudíveis, para quem não entende, dispensáveis e até anormais. não compreendem, pobres espíritos subnutridos, que é disso que vivem, que sobrevivem no mundo de demagogos e sofistas. não sabem, pobres coitados, que o prazer está na presença do sentimento, do abraço caloroso... desconhecem, infelizes, que o material não é cura para as suas carências - mais afetivas que alimentares. carecem de olhares profundos e redimidos os manipuladores do poder público, incensíveis à dor alheia e guardas noturnos de seus cofres, ventríloquos de desesperados.

Grace Braz

6 ...

Convoco os filhos de minha nação: Vamos á Guerra!, com entusiasmo, grito. Convoco os filhos de minha mãe, meus irmãos, meus iguais. Não quero saber do que fica.

Não quero saber o que ainda virá. Quero a soberania, a arte militar, as carnes podres dos inimigos que não dobram seus joelhos diante de mim. Convoco os filhos de meus filhos: Vamos á Guerra! Se deixam para trás os meus, não me importo. Se levam um pedaço de mim, não sei. Sei que vão trazer medalhas, e glória ao meu nome.

Sei que vão levar temor ao coração daqueles que não estão do meu lado. Convoco agora os maridos: Vamos á Guerra! Se ficam a chorar suas esposas, não me incomodo. Se torno órfãs suas crianças, não me interessa. Só me interessa o tesouro usurpado dos mais fracos, que sei que chegará. Só me interessa a vitória insana de nem sei o quê. Convoco a todos: Vamos á Guerra! Lutem e morram por mim, e pela força de minha onipresença. Estarei com vocês em pensamento. Assistirei ao fim de suas vidas, sentirei o fedor dos seus corpos em decomposição. Mas o farei aqui. Colherei os presentes quando tudo acabar. E quando tudo acabar, serão minhas as suas mulheres, e novos soldados seus filhos. Pois sempre haverá os que não se curvarão. E os jogos de Guerra, eu os mantenho.

Marília de Dirceu

7. Basta!

Agora chega! Basta de guerra!
Estancai vossas bandeiras no solo e bucai no seu coração a cor branca da paz!
Chega de opressão, de dor, de mortes...
Chega dessa falta de amor.

Inocentes morrem desmerecidamente
E quem tem o poder julgando-se o todo poderoso, quer decidir sobre a vida de outros.
Outros que talvez nem culpa tenham, eles esperam apenas sorrir.
De que vale tudo que aprendemos,
De que valem estudos, prazeres, dinheiro...
De que vale o poder se ele não está sendo usado de forma boa.

E então me pergunto de que vale a vida do ser humano, senão buscarmos paz.
Agora chega de sangue derramado,
Chega de lágrimas amargas e falta de cuidado.
Chega de fome, de guerra e de mais dor.
Chega, chega dessa falta de amor!

Rachel Kizirian

8. Sonho de Paz

Guirlandas,túmulos,epitáfios.Erros herdados
Unidos aos lamentos,feridas.Soldados armados
Em nossas mentes,memórias permanentes
Repetem-se as dores,.Filhos ausentes
Renasce,porém,todo dia,da lágrima uma esperança
A vida? Forte.Persiste a cada olhar de uma criança.

Na rosa da guerra.A atômica flor
Absorve a razão.Espalha o terror
O mal se propaga,então.Ausência do amor.

Para sonhar com o futuro.Apaga o ódio do teu mundo
Ama o próximo como a ti mesmo e retira a mágoa do teu peito
Zela por nossa terra. E não julgues.Olha-te no espelho.

Semeia as suaves palavras do carinho e da amizade
Inspira a paz aos teus já na tenra idade
Mas,acima de tudo,irmãos em deus,sejamos de verdade

Harrison lopes

9. Suspense

Suspenso
O peso da paz
Por um fio
Elástico

Tenso

Penso
Na brincadeira
De roda
De bola
Na ciranda
De mãos
De irmãos
Girando

Gritando
Um conjunto de vozes
De todas as cores
De todos os tons
Dizem não
Em línguas diferentes

Sementes
À brotar
Vidas
À acontecer
Um mundo inteiro
A ser feito
Suspenso
No ar...

Eliana Chueri

10. Por Favor

Por favor, acabem com a fome.
Por favor, acabem com miséria
Por favor, acabem com a pobreza
Por favor, acabem com a violência

A ignorância, a tristeza, a ambição
Acabem!
A desonestidade, a inveja, a corrupção
Acabem!

Por favor, acabem com as guerras
É tudo o que pede
A sociedade moderna

Giulia Ciavatta Kutuchian

11. Retratos da Guerra

Flagelos em ruas destruídas
Corpos estirados ao chão
Prantos de almas perdidas
Lágrimas preenchem meu coração.
Essa é a imagem que faço da guerra
Praga de homens de poder na mão.

Soldados meninos alheios a sorte
Impostos na guerra querendo ou não.
Famílias desfeitas de todos os lados
Pranteiam seus filhos, chefes, irmãos.
Essa é a imagem que faço da guerra
Praga de homens de poder na mão.

Balas, rajadas, filmadas e na tela
Show da barbárie em nossa televisão.
Assustados explicamos ao filho querido
Que guerra é algo estúpido e sem razão
Essa é a imagem que faço da guerra
Praga de homens de poder na mão.

Inez Alvarez (Dati)

12. Nossas Guerras

Guerra?!
De travesseiros...
São feitas por motivos poéticos.
Esta a guerra.

Outra, por outros motivos?!
Insanidade!

Ah...Tem a guerra de beijos...

Em guerras assim pequenas,
Pequenas contendas sem poderio,
Não há vencedores ou vencidos...
Há uma disputa de temperatura,
De fôlego, de umidade...
Apenas se mede o poder de arrepios.

Outra, por outros motivos?!
Insanidade!

Quase esqueço...
Há batalha de confetes
Ao menos uma vez por ano.
Fantasias...
Há pierrôs e bailarinas
Mas nenhum megalômano insano.
Esferas coloridas sobre a humanidade.

Outra, por outro motivo?!
Insanidade!

Há também aquelas do dia-a-dia:
A guerra contra a fome...

Contra a violência que consome as cidades...
A de nervos...com o telefone...
Há uma pra salvar a natureza...
E a guerra por audiência...
A guerra dos salários, a entre os sexos..
As muitas guerras sem nexo...
Todas administráveis ...
Questão de bom senso,
De solidariedade.

Outra, por outro motivo?!
Insanidade!

Tânia Lima

13. Mãos

Do alto do templo,
Saint Michel,
olhos atordoados, fugidos,
observam o fogo da maldade
nas explosões da morte na costa,
cem anos de guerra.
Os mesmos olhos que perguntam:
"São as mesmas mãos que fazem minaretes,
as que enfiam a baioneta no coração do inimigo?
As mesmas mãos que fizeram as colunas de Diana,
as mesmas que davam os cristãos
sob as patas dos leões,
aos aplausos dos romanos?
As mesmas mãos que esculpiram Lincoln,

as que meteram urânio nas ogivas?"
A água jorra pura da fonte original
às palmas limpas das mãos;
a água limpa qualquer tipo de mão,
indiscriminadamente.
Não como a chuva quente e luminosa
dos mísseis e balas e bombas caindo,
após riscarem o céu, lindamente macabras
pela TV; imagens verdes
não distinguem os corpos dilacerados,
o sangue, negra crosta, seco e podre,
em pedaços de uma outrora vida,
de um bebê.
O sangue que a terra absorve em parte
e germina a vingança interminável.
Canetas de 300 dólares riscam planos,
destinos de milhares,
assinam depósitos e retiradas nos bancos
que não perguntam às cédulas
de onde vieram,
mas os gerentes sorriem
ao volume das transferências que chegam.
São sempre mãos que fazem,
mas as mãos apenas executam comandos,
ou dos artistas, ou dos senhores da morte.
Um médico usa sua mão para
segurar os pés de um bebê que vem à luz,
ou, sei lá, à escuridão!
Basta um dedo para fazer o ódio
tirar uma vida,
e um para apontar a estrela de um sonho,
para redigir um projeto de vida,
basta a mão escrever,
e do mesmo jeito, pode expedir
uma ordem de ataque.
A mão que acaricia,
é a mesma mão que soca,
a mesma da milícia;

a mão que afaga a testa,
limpando as últimas gotas de suor
de um moribundo em seu último segundo,
é tal a que abrevia a vida de uma criança.
A mão que abre uma porta
e dá a oportunidade de uma vida,
é a mesma que gira a chave
e a joga fora;
uma levanta o interruptor,
outra o abaixa.
Mas não culpem nem louvem as mãos,
quem as move é uma alma e um coração.

Paulo Noëlle

14. Em Memória Daqueles Que Cantaram Ulisses

I

Faço o poema a guerra
pedindo para não sujar as mãos.

Alguns homens tornam-se lendas
quando surgem guerreiros ao leste
sob o sol a pino, de repente,
sedimentam-se, mármore, estátuas.

Talvez uma voz trazida no trovão
tenha substância de pássaro de fogo.

Quiçá um trovão de ave
flua pomba para sobrevoar,
gesto de pálida ignota mensagem.

Talvez, o que enerve nas guerras
são as pobres vozes, carcomidas
em andrajos vermes à mesa.

II

Estas palavras nobres que aí estão,
me preservem de futura censura,
a chave e a mais secreta licença.

Se me tranco no poema,
entristeço-me, porque a voz,
não seja capaz de encantar o espírito
dos homens que tecem armas.

Para aqueles que não compreenderam
o espírito de Ulisses, a desenvoltura,
ao semearem trevas, noite leve pouse
perto da sepultura, trazida como buquê
pela insípida bomba.

III

Não havendo vida,
cambaleia toda sombra;
não havendo mais sombra
cambaleia toda a lenda;

Não havendo mais lenda,
silencia-se então poema,
e, o que nele traduziu-se.

Eric Ponty

15. A cultura de guerra

(cultiva rosas de Hiroshima)

Percorre o tempo, os nervos, os ares.
Avizinham-se os temores,
A interminável cultura de guerra,
A devastação, seus horrores.
A paz chora breve
Um rio de sangue sobre a terra.
De que valem Hiroshima,
Os mortos da arma química?
Constrói-se um muro, aviltam-se paixões.
Criam-se monstros, separa-se o mundo.
A fragilidade da vida,
“A morte que nossa carne teme”,*
É o sonho latente no concreto do berço:
Os silos da morte!
Novo século de uma mesma era.
Novo presidente, nova forma de guerra.
Os juro pagam a sofisticação das armas,
Mas quem nos paga pela ameaça constante?
Da guerra, são vãs as convenções.
São vãs da paz, as organizações e o discurso.
Ainda que se argumente, ainda que se grite,
É vão o protesto e o esforço.
São vãos o dinheiro e o desperdício.
São vãs a fome crescente e duas filosofias.
De que valem o Afeganistão, a Somália,
Os desaparecidos da América Latina,
Os descartáveis da próxima guerra,
O Irã, o Iraque, Israel, a Palestina,
Se o saldo de sempre
É o lucro do belicoso,
Os mortos da hipocrisia?

* Jorge Luis Borges

De que vale uma egoísta democracia,
Se o que nos sobra
São tensões: a política sórdida,
o camuflado terrorismo: a vida contida,
E a beligerância?
De que valem Hiroshima,
Os mortos da arma química,
Milhares de vidas mutiladas,
E oito milhões de vítimas;**
A criança vietnamita, a pele queimada,
O horror, o verdadeiro horror
Em sua face estampado,
Os mortos da guerra cínica?

Ivaldo Roland

16. Senhora da Guerra no Deserto

Beijei a boca no fel do homem. Vomitei nomes pela tela, bela ave que sou em cântaro da liberdade. Jorrei meu leite pelo deserto. E foi negro, podre e rubro. Não houve cheiro, barulho ou extremido, pois calei os pássaros no ninho a pousar nos homens. No umbigo do mundo, para o velho e louco me fiz bandeira e estátua. Mil faces mil, calei das orações o silêncio. Me imploraram calor e asas e lhes derramei razões. Sou bela senhora, de peitos

** Dados de Larry Mosqueda, jornalista norteamericano, em seu artigo Shocked & Horroried sobre mortes civis causadas por forças americanas, excluído o Afeganistão.

erguidos e tesão bravio. De tudo tenho um quê, para encantar certezas. E no baile dos dias, guiei os cegos de empunhado véu e espada nos olhos. Sorri. Matei os cegos, matei os vivos, matei a morte. Me escreveram de azul, vermelho e branco. Mas da cinzenta escrita e amargo ferro, me fiz em arrozado foder. Não ligo, nem ensaio, de ombros me vou, pois dos lados e variada cor qual seja, na estupidez me dou. Depois, no nada a dizer o talvez, quem sabe... revolverei o mundo, me esconderei de todos, me apagarei da lembrança a sorte. Contado nos anos, me disse a voz em renovado arfar que ao fundo, ao lado da porta da vida, a água dos olhos em lama de dor me viu voar.

Flávio Souza Cruz

17. Horas De Guerra e Paz

Esse mundo onde vivo
É cada vez mais e menos
Há horas de alegria
Há horas de tristeza
Guerra e paz, todos os dias

É sempre a mesma pergunta
É sempre a mesma resposta
Há horas que penso que é droga
Ah...o que aconteceu com o mundo?
Anda cada vez mais sujo e imundo

Há horas de guerra e paz
O passado foi guerra

Hoje quero paz
e ainda me pergunto:
Que aconteceu com o mundo?
O nosso mundo.

Tiago Silva Barbosa

18. A rosa de Bagdá

Eis que vos digo, elas já estão semeadas,
Plantadas bem fundo, latentes em seus ninhos,
Com o sangue dos pobres cultivadas e regadas,
Aduadas a cada dia por interesses mesquinhos.

Ao toque dos malditos botões da insanidade,
Veremos de novo suas pétalas de fogo homicida
Seus espinhos lancinantes rasgando sem piedade,
Destruindo o princípio e o fim da própria vida.

Multiplicadas nos jardins do inferno de Dante,
Por toda parte, desvairadas no céu rubro em eclipse,
Cogumelos gigantes, arautos do fim que se aproxima.

E de seus ventres pútridos cavalgarão triunfantes,

Espargando peste e fome, as bestas do Apocalipse.
A rosa de Bagdá – maldita filha da rosa de Hiroxima!

Luiz Henrique Mignone

19. Na Arte Está a Cura

Na arte está a cura
alforje do diabo com risco
mesura do rico se entende
na mesa de negociação

Hecatombes megatons livres
oscilam tamborilam em territórios
espanto no estômago
ânsia prenhe de dor

Se atualiza perda nossa
gosma endurece
em torno da mente

Serpente oca se enrosca
não acha a cauda
perda de direção
estufa o peito

Sem glória com mágoa
cabeça em talhe
rubricas urtigas
botas com tanques

Sangues antigos médios novos
alquimia com a terra
gritos destemidos
gargantas secas
areias do deserto
grutas nos montes

Chuva chora aqui
limpa corações carmas
lá perdas atuais
perdas geradas em escalas
transbordam nos anos países

Acolá sentimentos fundos
curtidos ao sol
bandeiras tremulam
corpos almas feridas
vidas perdidas
lutas pela terra
há glória na guerra?

Abilio Terra Junior

20. A Pomba da Paz

*" Bomba atômica que aterra
Pomba atônita da paz"*
Vinicius de Moraes

A pomba da paz tem asas metálicas
E sobrevoa os homens nesse momento...
Dentro de si, ódio intenso e fecundo
Pronto a semear o sêmen da morte.
Seus olhos frios deliciam-se em gozo
Ante mil destroços e cemitérios
E aguardam, com júbilo, a hora fatal
Que mergulharão no meio dos homens.
A pomba da paz grita em desespero
Um canto atroz para amenizar a ânsia
Incontida de matar. Ágil, foge
Dentre as frágeis mãos humanas que buscam-na
Temendo sua queda súbita e triste
Da qual restará na paisagem erma
Uma rosa de sangue desabrochada.

Marcos Hidemi

21. Durmamos

Contentai-vos c'ó presente
Co'a desgraça lantente
Aos ais de teu coração
Dize que a vida é bela
Goza da tua miséria
Não dê tapa mas esconda mão

Sê passivo e submisso
Reclamar ? - O que é isso ? -
Para que mudar assim ?
Ser feliz não leva a nada
Beba esgoto e dê risada
Senta e espera o fim

Não protestes não exiga
Dissimule, ria e finga
Ser feliz como ninguém
Mata tua mãe e teus filhos
tua esposa, teu amigos
Poupa-os da alegria também

Pra que lutar? Pra que sofrer
Coisas boa não podes ser
Não vens de duques nem barões
Durmamos pois como os demais
Amanhã iremos ao cais
Lançar tu'alma aos tubarões

Agradeça a Deus por isso
Sê passivo e submisso
Quebre o espelho, lave as mãos
Não questione ou contradiga
Não pergunte, Deus castiga

És de teu inimigo leal irmão

Ivan Oliveira

22. Juízes... Nós?!

É justa a causa da paz, sempre será!
No entanto sem que sejamos juizes,
Há o que julgar! Pensemos nos miseráveis...
Do Iraque é a que me refiro.
AS mulheres sem direitos, as crianças
Que desde tenra idade são treinadas para morrer,
Agora pergunto...morrer pelo que?
Não é por uma causa, nem pela religião!
Será por Deus? Acho que também não!
Pouco sei disso tudo, lá pelas bandas do Iraque,
Porém sei que os Curdos são dizimados...
Há muito tempo...pelo Sr. Sadam em ataques!
Crianças, velhos e mulheres, que importa...
Todos morrem em nome de um governo,
Que lidera uma casta! Os remédios faltam, por certo...
No entanto me digam...falta ouro nos palácios?
E as armas, onde estão? Quem morrerá amanhã?
O povo, a população?! Os Curdos, os Judeus...
Quem sabe os Cristãos?! Morte é morte...vida é vida,
Se salvarmos uma única vida, salvamos o mundo!
E agora então...Devo dizer não à guerra ou não à Paz?!
Paz de quem? Para os Curdos é que não! E as mulheres,
Iraquanas, muçulmanas...homens sem visão!
Mas os palácios serão sempre os mesmos, e segredos...

Guardarão!!! Diremos não à matança pelos Americanos,
E fecharemos os olhos à dizimação do Curdistão!

Hunter

23. guerra

cartas marcadas à mesa
falcões de garras nucleares
decretam a morte da paz
tapam ouvidos ao diálogo
não existe o outro lado
não se procuram razões
todos conhecem as razões
urdem a destruição em massa
edifícios, natureza, homens, mulheres e crianças
vítimas da imbecilidade onipotente
em sua eterna sanha de conquista
sangue e óleo derramados
alguém ainda liga?!...
todos sabemos como começa
ninguém sabe como termina
e o pecado se escancara ao fumo negro
o diabo gargalha e acende a fornalha
à decadente nação dona da guerra
que arrasta o mundo prostrado
em suas garras de águia
e destempera na terra a ira surda
revelada em balidos, até quando?!...
revolvo impotente à faca cega imolado
mendigo à beira da estrada
um pouco de bom senso
a esse mundo macabro
que ri da morte dos inocentes
escravos correntes

desse imundo
planeta lindo manchado
enquanto poderosos brincam com fogo
e buscam avidamente o pleno fim
só restam perguntas sem resposta
o que será de nós
o que será dos nossos filhos?!

Luiz Tarciso Souza

24. Campo de Batalha

Acabou...
Simplesmente acabou...
Levanto minha cabeça cansada e olho ao redor
Corpos mutilados pelo chão
Gemidos dolorosos por todos os lados
Quanto tempo se passou?
E eu aqui inconsciente?
Nos últimos minutos
Só me lembro do sangue quente descendo sobre minha face
Uma escuridão que parecia não ter fim
Tudo se perdeu
Muitos se foram
A dor de tantas perdas
A certeza do nunca mais
O desejo de vingança
A luta por um ideal

Nem sempre atingido
Mas na alma está gravado
Que eu posso ter sido derrotado
Mas a luta permanece em mim
E me pergunto
De que a adianta lutar pela vida, com a morte?

Por Raquel Belchior

25. Pápyros

Tudo vira papel
o papel de otário
o otário de carro
o carro na rua
a rua do bairro
o bairro à venda
a venda da mentira
a mentira da imprensa
a imprensa do estupro
o estupro do governo
o governo do teatro
o teatro do dia-a-dia
o dia-a-dia também,
também vira papel.
Papel a folha
a folha de rosto
o rosto do organismo

o organismo da burocracia
a burocracia da repressão
a repressão da guerra
a guerra que vira tudo
e tudo vira papel.

Majarti

26. Faça amor, não faça guerra

Com o dinheiro faz-se a guerra,
Sem ele não temos a paz,
Se os povos subdesenvolvidos não tem guerra,
podemos entender que o dinheiro não traz a paz.
Sem ele gera-se a violência, e com certeza não
teremos paz.
A paz então inexistente, no mundo onde há desigualdade,
e prosperidade.
PAZ, onde você está?

Suely Grandi Coelho

27. “Não se tolera sofismas”

Bush tenta nos convencer...
Alguns ele até consegue... Pensando bem, o que não se compra hoje em dia?
Vidas inocentes esmagadas pela hostil ditadura capitalista?
Bush não liga para elas...
Vidas inocentes essas, que são trocadas como se fossem pilhas do velho
controle remoto do mundo globalizado...
Pelo petróleo negro do poder, e o prazer da humilhação de um rival...
E mesmo com tudo claro, ele insiste em apresentar sofismas para convencer
a todos que o Iraque merece ser massacrado e humilhado...
Mas será que ele se esquece dos embargos econômicos? Da fome e miséria
em que vive aquele povo? Das doenças que imperam nos lares iraquianos?
Será que a ambição causa amnésia? Será que existe guerra em nome da
paz? Não será massacre e humilhação suficiente?
Tantas perguntas, uma única certeza...
Ele, Bush, é nocivo para a paz mundial... Ele é quem passa por cima de
direitos e princípios humanos em nome da sua ambição e do seu mórbido e
errático ideal capitalista...
Pior, ele acha que todos toleram e aceitam o logotipo atribuído por ele á esta
maldita guerra... Armas de destruição em massa? Ciência e tecnologia
nuclear? Já que é assim, por que ele não ataca a Coréia, que no caso,
representa um perigo muito maior em relação ao Iraque, tratando-se do ramo
de armas nucleares... A resposta é muito óbvia, para ele, pouco importa se o
Iraque tem armas nucleares ou não. Bush só se contentará quando conseguir
dominar o tão desejado petróleo e quando humilhar Saddam Hussein.
Enfim...
O saldo da ambição desumana de Bush é aquelas vidas inocentes que ele
considera como pilhas do velho controle remoto do mundo globalizado...

Os direitos humanos, ignorados...
Os princípios morais e éticos, descartados...
E Bush continua a rir de nossas faces, como se fosse o absoluto dono do mundo. Não demorará muito, e os Estados Unidos comprarão também o ar que respiramos...

John Reitchel

28. Crianças Afegãs.

Eles virão crianças afegãs!
Eles virão para matar seus pais
Acabar com o que resta do seu País
Bombardear suas defesas antigas
E ocupar suas montanhas.

Os homens de pele branca
Olhos de cor indefinida
Virão para rasgar suas bandeiras de luta
E hastear o slogan do poderio econômico
No solo rico de óleo negro.

Eles virão para ver suas imagens envelhecidas
Pelo sofrimento que eles causaram
Virão vestidos em pele de cordeiro
Distribuindo comida, para calar seus ventres famintos
Virão testando suas novas armas
Tecnologia com alto poder de destruição.

Sentir-se-ão os heróis da humanidade
Divulgarão as maldades dos seus líderes
E espalharão pelas TVs os seus grandes feitos
E muitos acreditarão ficarão do lado deles
A mídia e até os pobres, vítimas como vocês.

E um dia... Acabada a guerra unilateral
Eles voltarão às suas origens
Aplaudidos como heróis
Anjos de bondade de outros mares
Que singraram águas e ares
Para matar e morrer.

Nos seus Países, Aliança do Norte
Serão condecorados com medalhas
As bolsas de ações estarão em alta
Economias em pleno emprego
Novos jogos eletrônicos estarão no mercado
E vocês como estarão?

Certamente, ainda com fome
Pobres e no mesmo lugar
Brincando de mocinho e bandido
Entre destroços e minas de guerra.

Miseráveis amputados órfãos
Que vêem televisão, mascam chicletes
E jogam com bolas desgastadas
Sob o olhar agora descoberto
De suas mães viúvas sem burka.

Gláucia Tanajura

29. Cena 17 Take 3

Da janela para a guerra,
o mundo assiste o sol levitar na manhã rasa...
Aviões, rasgam o céu nosso de cada dia
apagando os rastros de estrelas,
e deixando uma mundanidade no ar
da verdade humana.
Da Janela para a guerra,
o mundo assiste
olhos imaturos, secos de fantasia,
revelando traços de memória perdida
em imagens de um presente nati-morto.
Luz, camera, ação!
No território minado,
a ilusão já não distrai a realidade sem direção.
Recesso em cada canto do planeta,
gemidos agonizantes estrangulados pelas mãos do silêncio.
Crianças já não brincam mais de morrer,
pular, correr, sonhar, viver.
Estão condenadas pela engrenagem humana,
ao sono eterno entre fragmentos no gramado verde de
sangue.
Marcha soldado cabeça de papel!
A cenografia fica escura, pesada, vermelha.
Da janela para a guerra
interior, dia, fachada:
corações desamparados...
O mundo acompanha um traveling
nas sombras de silhuetas desformes,
e o sol, esconde-se mergulhado na dor.
Corta.

CatBlue

30. ...

o pequeno planeta terminará logo aqui
sem brilho e sem mistérios
se um cowboy technique
montá-lo como em um burro

oração ao tigre

que em nós na Terra do sem fim
se multiplique esperança

que homens e mulheres se encontrem
e no amor crianças nasçam e vinguem
belas e fortes

que os filhos enterrem os pais
que nossos velhos sejam nossos sábios
e não ratos entocados, trastes
sem crianças sem jovens e sem colheitas

que no asfalto nasçam humanas flores
que derrubemos os muros entre nós
que encontremos na vida várias saídas

e por achá-las,
não se escolha a morte

Eliane Accioly Fonseca

31. Pedacos Humanos

O que mais lhe chamava a atenção,
Era o silêncio.
Não eram os clarões de bombas explodindo,
Ou os gritos de pavor e dor.
Não eram os horrores, ou sangue escorrido,
Ou os odores acres,
Era o silêncio.
Pedacos humanos voando,
Carnes por entre a poeira,
Atingidos por outros pedacos humanos.

Ela agora olhava os clarões,
Mais intensos, mais coloridos,
E percebia, que aos cinco anos de idade,
Nada mais era do que um pedaco.
Um pedaco humano voando...
Era o silêncio.

A guerra não une,
A guerra nos desfaz em pedacos.

François Porpetta

32. Sangue em labaredas, fogo nas almas

Bafos de dragão
Escorrem pela montanha
Em rios de espuma ardente,
Gemem árvores, berram bichos
Em inferno de fumo e chamas;
O escuro da noite é esfaqueado,
Há sangue em labaredas,
Fogo nas almas;
Guerreiros de espadas d'água
Que na cratera do vulcão,
Gritam palavras
De morte ao dragão.

António Maria

34. Pequeninina

Silêncio pelo ar...
o cheiro do sangue pode ser sentido a quilômetros de distância,
Na densa escuridão da noite observo um pequeno vulto ao longe
Com um pouco de receio me aproximo,
Porém o coração de um jovem não é tão forte a ponto de suportar tão
sufocante dor:
Uma menina, entre soluços e lágrimas, abraça um corpo que se encontra no
chão,
Desespero, agonia, tristeza, morbidão, não encontro palavras que possam
descrever a cena,
por um momento, todo o ruído a minha volta desaparece e apenas escuto o
soluçar da pequeninina
que dentre murmúrios e lamentações, pronuncia algo baixinho, uma palavra:
"mamãe"...

Quando tudo parece ter acabado, e nenhuma esperança restado, mas o pior
ainda está por vir...
"Meu Deus"... o que é aquilo?
Uma bomba é lançada em nossa direção, e ela está se ap...

... silêncio...

... fim...

... de mais duas vidas...

Mas qual o valor de ambas se pelo mundo há tantas pessoas mais "corretas"
que sempre estão certas?

(sempre?)

Após um grande silêncio, algo estranho acontece: minha irmã me acorda...
era apenas um sonho...

Levanto, tomo café, abro o jornal...

silêncio...

a menina...

uma foto...

a bomba...

o fim...

Reinaldo Mariano de Brito Junior

35. Paz

Ansioso
A semana inteira
Pelos burburinhos
Sobre a Guerra

Um Inverno
Que não se vai
Insistentes flores
Que não brotam

Leio os noticiários
Procuro algum indício

Do movimento das pessoas
Dos ventos e das nuvens

Começaram no Leste
Percorreu todo o Globo
Eu ávido por notícias
Percorri os seus rostos

Os heróis que tem
Por nome Povo
E o nome da flor
Me foi soprado

Magnólia Branca
Magnólia Grandiflora
Floresceu hoje
Primavera.

Gilberto Mifune

36. Não quero Guerra, Quero Paz

Não quero olhos de desespero,
Quero o brilho de um olhar.
Não quero o choro do útero,
Quero o riso de milhar.

Não quero tiro de canhões,
Quero bala de criança.
Não quero sangue nos mourões,

Quero vida de aliança.

Não quero tratado que ferra,
Quero amigos da paz.
Não quero um amor que erra,

Quero um amor capaz.
**NÃO QUERO GUERRA,
QUERO PAZ.**
Tássio Telles

37. ...

Que toda guerra
Que sobre nos descamba
seja somente,
samba.

Valdir Mengardo

38. ...

Eu sou da terra do tio Sam
Da terra do Tio Bam!
Da terra do Tio que Pariu
A bomba atômica.
PS: De novo não!!!

Gurjão

39. ...

A guerra faz
perdedores e vitoriosos
chorarem a perda de seus filhos.

Leandro Candido de Mattos

40. "Coisas de guerra"

Ruínas, pedras, fumaça e pedaços de corpos.
crianças chorando, semi-nuas, correndo
sozinhas, sem saber para onde...

Casas destruídas, fogo, dor e muito horror.
Sempre os homens querendo por meio da força
alcançar e possuir aquilo que não tem e
que pertence a outro alguém.

Todos perdem. E nem se importam.
A tragédia é o agora. Logo acaba.
Amanhã não existirá mais.
Restará a lembrança e o cheiro de
cadáveres podres, da massa de manobra
abandonada... e descartada...

Em seus palácios, sempre protegidos,
os causadores de tanta dor comem e
dormem em paz...
A única paz que querem...
E que sempre terão...

=====
Estou remetendo a voce Flavio, uma
pequena contribuição contra todas as guerras.
Apenas um rascunho...

Juninha

41. Michael ou um rascunho de a guerra e eu

Amanhece o dia, há um sol lá fora que tudo ilumina. Deus deve existir, a verdade também, assim como a realidade. Michael abre os braços, ainda preso aos sonhos, se estica. Sonhos? Não, não foram sonhos, foram pesadelos! Ele não se sente aqui, não sabe se experimenta no momento a realidade ou a ficção. Belisca o próprio braço, pega uma agulha, enfia fundo no pulso. Nada. Uma dor serena o toma, mas ainda assim, é sonho. O fundo dos quintais. Sim, correr para lá, pelos fundos, varando os fundos deve haver o espaço das brincadeiras de infância. Ele está na casa do avô. E diz: padinho, a guerra, a guerra! Padinho o que é a guerra? E o avô com o serrote, com as marcas certinhas determinando os cantos, ele, o avô, é um fazedor de coisas, o padinho. E ele, menino, sabia disso. Sabia disso e sabia também que o avô tinha nas marcas e nas rugas da testa muitas história do mundo, nem todas lindas...

Ele escorrega pelo quintal do avô, vara o quintal, vestido de espachadin, parece que entra em um desses brinquedos antigos, desses de antigamente. Ah, um forte. Ele encontrou um "Forte". Logo dois soldados o param, de sopetão. Para onde vai, moço? Aqui não pode entrar. É a guerra. A guerra? Mas o que é a guerra, Meu Deus do céu? Ele, sim, já em outro lugar - como o tempo e o espaço mudam - para onde vai o tempo, quando o tempo é outro? Ele se estira na grama, preguiçoso. Que bom, esse céu, esse azul! As nuvens, os carneirinhos! Quantas crianças! Quantas!! Ele entra na roda, começa a girar, o mundo começa a girar. Ele gira, o mundo gira. Não tem uma flor, guria linda? Não tem? Eu te dou uma rosa, você aceita uma rosa? Ele olha para a menina e diz: vou fertilizar o mundo, você sabe? Vou povoar o mundo. E com a face de encontro com a terra, Michael lambe a terra e seu pênis, ainda menino, toca o falo da terra. Estou fertilizando o mundo, menina. Venha, me dê sua mão!

Onde, onde ele está? Ah, na cama, os lençóis brancos começam a manchar devagarzinho, uma cor escura mancha todo o lençol, é vinho, é sangue! E o lençol branco se transforma em vinho escuro. Volta, volta, criança. Padinho, padinho?? Ele chama, ninguém responde. Ele corre pelo quintal, corre loucamente e ELES o perseguem, aviões, caçadores de homens, homens,

homens. Ele olha para o céu azul. Não. O céu está manchado e uma nuvem escura tudo cobre. Ele cobre o rosto e chora, como criança. Padinho, vem, padinho! E padinho vem e o abraça. Ele se sente seguro e ouve a voz que vem dos fundos da casa, dos tesouros ocultos na casa: Serra o papo, serra-serra, o papo do vovô. Ele sorri. Deve ser sonho.

Denise

42. ...

se a História não se repetisse, eu não saberia.
se não se repetisse a história, eu não entenderia...

porém, a história agora se repete, e eu ainda sei.
porém a história ora se retoma e eu ainda não entendo.

como um barril de óleo cru rega em sangue vivo a alma de todo um povo?
como duas torres destruídas carregam concreto e pólvora em porta-aviões
invadindo uma terra sem volta?

na minha meninice, presenciei a Bósnia, num campo de concentração
renascido, e não disse nada.
na minha juventude, vejo a África mergulhada na peste do novo século e
não falo nada.
observo a mãe seca revolvendo os lixos do meu bairro e fico muda...

se choro, derramo lágrimas só para mim;

se grito, sou só por poucos ouvida;
se escrevo..., bem, se escrevo, essas palavras tomarão voês que eu, fixa
como estou, não alçaria.

por isso choro
por isso grito
e por isso escrevo!

Digo Não `a cobiça pelo betume! Que uma vida, por mais efêmera que seja,
pulsa infinitamente mais que o óleo de eras antepassadas!

Mona Pomona

43. Tormenta

Sacrossanto amor meu
Ontológico, nascente ..
Falível, porém envolvente ..
Revolto às vezes ..
Ilusória intimidade da
Máxima do ser que se diz humano ..
Essencial ..
Núncio ou prenuncio de
Tormento? .. Sinto ..
Obscuro .. Orbitário ..

Paula Argollo

44. Alienantes Decepções

Sinto-me culpado em não poder,
por enquanto,
escrever linhas de textos fadadas ao desinteresse
público.
Que falta eu sinto,
De prostituir minhas idéias por
algumas moedas sorridentes de fim de mês.
Vaidades delirantes me divertem, paraísos artificiais...
em existências superficiais, tristes aparências...
Paranóias de poder eu vejo, enquanto mal amados Senhores
da Guerra ensaiam o Juízo Final em frente a tela da
tevé
em horário nobre...crianças na platéia.
Pobres armados, corações despedaçados,
filhos desalmados da mãe terra,
destemidos Senhores da Guerra, beijem a face da morte
como quem flerta com o perigo
ou brinca com a sorte.

Rafael Vargas

45. ...

Povos Irmãos
Amam seu Próximo
Zelam pela Vida

Your Soul

46. Vida com Paz

Chega de pedir
temos que praticar
falar é preciso
viver de verdade muito mais.
um movimento uníssono
que cresce a cada dia
que nos faça ter orgulho de ser gente
de sermos racionais
traga para você, para mim, para o amigo e o inimigo
o direito de viver em paz.
somos diferentes
temos diferenças
cultuamos nossas crenças
e nem precisamos ser iguais

precisamos de respeito
precisamos ter direito
coisas que a guerra não traz
precisamos de vida
de vida, com paz!

Ubiratan Fernandes de Souza Miranda

47. "Pensar a Guerra"

Guerra significa: Morte
Dor, Fome, Choro, Desastre
Guerra lembra: Egoísmo,
Insensatez, Poder, Belicismo

Guerra nos remete
Ao âmago dos homens
Que pensam, destarte
Homo sapiens – sapiens,
Como um sem vida tamborete.

Ou que desconhecem
O dom de pensar
Agir e ser.
Ou simplesmente são
Sem pensar e ser,
Só agindo.

Guerra
Cruel
Absurda
Desnecessária.
Mas real aos olhos
Do dono do mundo!

Quando esta história terminará?
Terminará esta história?

Jojjr (L'Enfant)

48. Superprodução

Noites mal dormidas,
Mentes esgotadas.
Que sabor a vida ainda tem? De nada...
Gritos e feridas,
Casas derrubadas,
E onde está a vitória que convém? No nada...

Quem virá depois para contar os mortos?
Quem se abaixará prá recolher os corpos?

A almejada glória
Que camufla a história
E enfeita o peito de altas patentes,
Será depois lembrada,

E talvez premiada,
Numa tela de cinema à sua frente...

Jaqueline Iwasaki

49. Neotopia

Que o dia da paz hoje e sempre venha nos ver feliz,
Piedoso.
E a esperança que nunca jaz hoje vejamos vir numa verde
praça,
Que a luz do sol queime e livre-nos da escuridão da
ameaça,
E que a correria descontrolada seja para o abraço
saudoso.
Quando as paredes e grades forem quebradas, nascerão
pontes,
Nos levando aonde corre leite e mel no lugar dos sangues
quentes.
E no lugar do cheiro da pólvora o cheiro do jasmim que
tu sentes
Com a luz da lua que deixará de iluminar a noite das
mortes.
Aí seremos um só mundo onde somente
há paz,
O canto dos pássaros será o som eterno,
Veremos tudo de bom, o universo num formato mais belo.
E a guerra que vinha irá para sempre,
Feito no canto que diz alegre:

Como um girassol amarelo.

Penumbra Castanho

50. PAX

Coração de meu planeta, amada Terra,
Ilumina este animal beligerante
Que o poder já transformou em besta fera,
Desdém da vida, vil carrasco do horizonte.

Algoz do mundo, horripilante e sanguinário,
Quer nos privar da comunal fraternidade
Na ilusão de que o petróleo milionário
Será o garante de sua vã posteridade.

Jorra da terra e está nela, submerso,
O óleo negro de teus deuses brincalhões,
Ó poderosos senhores do universo
Que tanto ferem nossos tristes corações!

Nós lutaremos com bravura outras batalhas
Para encontrarmos as essências dos amores
E deflagrarmos, sem o peso das mortalhas,
Um bombardeio cujos mísseis serão flores.

Augusto Vieira

51. ...

Lembro que quando era criança
maior vontade de soltar arraia
e aquele ar parado
costumava assobiar para chamar o vento
e funcionava!

Às vezes na vida um ato simples
é capaz de transformar realidades
basta acreditar
Mas é preciso ser criança, de novo, sempre
para com um simples assobio mover o vento
É preciso a ingenuidade
de quem acredita em suas fantasias
a pureza de quem fantasia ingenuidades

Era um sonho! A arraia subia, subia...

Sonhar é natural
acreditar nos sonhos é assobiar para o vento
fantasia deliciosa
que nos transforma em crianças
e transforma realidades

Silvio Gurjão